

Caras senhoras e senhores,

Permitam-nos abordar o cerne da questão.

Para nós as mesas de Ping-Pong estão relacionadas com infindas recordações. Hoje encontramos-las especialmente nos espaços lúdicos da nação ou nas garagens convertidas das vivendas suburbanas. Neste últimos escondem-se dobradas e cobertas até chegarem os primeiros dias primaverais quando, sob os primeiros raios de sol, são arrastadas para pátios fronteiros a estradas pouco frequentadas para estenderem o seu verde forte.

Para que se torne claro que pertença a uma geração mais madura, explicar-vos-ei algumas coisas sobre estas mesas, que tinham que ser retiradas do arrumo peça a peça. As suas armações eram tão frágeis, que era razoável montar-lhes uma segunda armação, as redes pareciam pontes suspensas mas trazendo-nos, apesar de tudo, imensa alegria.

Com certeza que rememoram as peculiaridades, dos pequenos e grandes obstáculos que se interpunham entre o jogador e a vitória: a recepção fracassada da raqueta, que podia ser melhorado com água de sabão (ou será que era laca?), os lances com efeito do adversário, que deixava voar por todo o lado, menos para onde devia, a sua própria bola; os amaldiçoados golpes de revés, as **prioridades** e boladas violentas deste nosso pequeno mundo. Também me lembro de uma regra que por causa da minha idade (9 anos) me parecia de uma enorme desvantagem; a proibição de tocar a mesa com a mão livre. Com a minha altura (130 cm) podia ver mais ou menos tudo, apenas o meu alcance sobre o tampo era limitado, para ultrapassar esta desvantagem poderia segurar-me firmemente à mesa para que em qualquer eventualidade pudesse investir o corpo sobre ela, muito cedo me apercebi que este era um procedimento errado, mas apesar de todo o treino, só muito a custo me fui tornando num melhor perdedor.

Não provenho de uma família avessa ao desporto, mas a actividade física raramente encontrou a sua

expressão em clubes ou colectividades, calada que era no seu entusiasmo contido por estas práticas. Aqui, fui a única excepção, com uma digressão de médio sucesso pelos courts de Ténis do sul da Alemanha. Mas, pelo contrário, o Ping-Pong era um jogo para toda a família; tanto homens como mulheres podiam divertir-se imenso com pouco treino, especialmente quando havia pequenas variações que faziam com que a competição passasse para um agradável segundo plano. A uma destas variantes chamávamos “Mäxchen”. Porquê? Nunca pensei muito nisso, mas era uma boa maneira de passar o tempo, especialmente quando havia raparigas que também jogavam, mas que pouco interesse tinham no jogo. Parecia sim que usavam o Ping-Pong como moldura e tabuleiro para outro jogo qualquer, cujo decurso era sem dúvida encantador e cujas regras até hoje desconheço.

Mäxchen: o número de jogadores é ilimitado e também não é importante que todos tenham uma raqueta, apenas tem que haver uma bola. Não há equipas, mas convém que no início os jogadores se dividam entre os dois lados da mesa. Um a um, na sua vez, devem receber a bola passando-a para o campo oposto e logo segui-la tomando posição para a próxima jogada. Quem falhar, sai. Quanto menos jogadores houver, mais depressa é preciso correr, até que no final restem apenas dois jogadores. Chegados aqui, os finalistas deixam de rodar a mesa e ganha o primeiro a atingir dois pontos.

Desta maneira o Ping-Pong pouco tinha a ver com desporto, era mais uma troca de afectos e desafectos. Atiro-te a bola levemente, oh amada!, enquanto o outro favorito dos teus olhos, esperançadamente, sucumbirá ao meu serviço.

Harald ama Sabine, Markus ama Ute, Daniel ama... ouve-se então gritar, para reforçar temores próprios ou para atenuar espantos que, por não serem comentados, se passaram a comentar. À excepção da minha mãe, que tinha determinado que aquele tipo de jogo não fazia parte das suas variantes, até o nosso pai, mas especialmente os meus irmãos procuravam sempre o jogo de dois ou de quatro. Durante muito tempo os meus

irmãos foram a fronteira onde acabavam as minhas vitórias ocasionais, contudo, juntos e através dos anos, fomos adquirindo inúmeros títulos em torneios domésticos ou medalhas de nível internacional em hotéis balneares. Lembro-me de uma mesa de Ping-Pong dobrada numa moradia, que me chegou a parecer tão grande ao ponto de acreditar que só encontraria a porta principal com muitos conhecimentos ou com uma planta da casa. Era uma casa abastada porque no caminho entre a porta e a mesa de Ping-Pong podia encontrar-se de tudo; meias, cuecas, cartas, jogos, bicicletas, chapéus e coisas impossíveis de definir. Quatro crianças tinham a sua representação da ordem e, apesar de nós sermos três, em comparação a nossa casa parecíamos pobres. Aqui vivia o meu colega de escola com os seus pais, os seus irmãos, um Jaguar, uma piscina e, claro, uma mesa de Ping-Pong. Foram dias que ficaram marcados na minha memória como leves e simples. Tanto mais leves quanto mais nos íamos afastando da escola e tanto mais simples quanto mais longe as raparigas espalhavam os seus feitiços. Por favor, tentem compreender-me. Num momento de transição um jogo de Ping-Pong podia significar tudo, podiam surgir problemas intransponíveis, mas íamos para casa e a manhã seguinte trazia-nos um novo jogo. Tudo mudava quando sobre a mesa disputavam a nossa atenção, além da bola, colos femininos. Quando a rede cheirava à irmã do teu amigo, quando a armação de metal experimentava um cérebro para sentimentos irreais, quando o som do jogo sonoramente tagarelava sobre coisas que nunca te tinham parecido tão importantes como nessa altura, quando a minha raqueta de Ping-Pong tinha a cor dos lábios da irmã do meu amigo, quando o jogo já não se chamava Ping-Pong, mas sim se dava por esse nome feminil. Foi nessa altura que o oásis das crianças despreocupadas acabou e o Ping-Pong se elevou a uma outra esfera, onde era mais fácil morrer e algumas horas depois viver-se eternamente.

Perdoem-me se os meus pensamentos, e com eles a linguagem, se evadiram... A minha função não é conduzir-vos pela minha adolescência, mas

antes abrir-vos as portas para esta mesa de Ping-Pong, comum e partilhada.

Perdoem-me se vos molestei.

A intenção de um discurso de abertura não deve ser afligir-vos com casos particulares.

Perdoem-me.

Encontramo-nos novamente em frente a uma mesa de Ping-Pong que permite conceber um campo artístico. É a terceira da Kunstverein Via 113 e a primeira no decurso do Clube de Arte Porto e não pode ser vista como obra de arte ou escultura, porque o tempo para isso já passou, pode sim servir como modelo simples, questionando formas de comunicação, convidando a acções próprias. Passando a bola, criar uma imagem de troca que pode ser ilustrativa, conduzir à sociabilidade, combater a solidão, ajeitar namoros, provocar discursos, iniciar movimentos.

É somente uma mesa de Ping-Pong, talvez sem nome, sem história, sem irmão, mas por favor, caras senhoras e senhores, sirvam-se das raquetas disponíveis.

Para vencer terão de conquistar primeiro a prática, mas com persistência e um pouco de sorte encontrarão um aroma de outro mundo!

Muito obrigado,

A direcção do CLAP